

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/309585496>

Desafios para uma comunicação participativa do risco: emoções, incerteza, confiança Issues of participatory risk communication: feelings, uncertainty, confidence

Conference Paper · July 2016

CITATIONS

0

READS

51

2 authors:



Jacques Lolive

French National Centre for Scientific Research

83 PUBLICATIONS 232 CITATIONS

SEE PROFILE



Cintia Okamura

Companhia Ambiental do Estado de São Paulo

23 PUBLICATIONS 8 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



“Construir e experimentar métodos participativos para desenvolver uma cultura de risco em São Paulo” [View project](#)



Desafios para uma comunicação participativa do risco: emoções, incerteza, confiança

Issues of participatory risk communication: feelings, uncertainty, confidence

***Jacques LOLIVE¹, *Cintia OKAMURA²**

¹ CNRS (Centro Nacional da Pesquisa da França), Grenoble, France, jacques.lolive@umrpacte.fr

² CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo), São Paulo, Brasil, cintiaokamura@hotmail.com

*Os dois autores têm contribuição equivalente na elaboração do presente artigo

Resumo: Apresentamos o projeto de pesquisa, uma colaboração pluridisciplinar franco-brasileira, que está sendo desenvolvido em São Paulo e propõe métodos qualitativos para construir e implementar uma *comunicação participativa do risco* com as populações expostas ao risco ambiental. O conhecimento produzido pela pesquisa permitirá a elaboração de um protocolo de sensibilização, comunicação e participação que será implementado pela CETESB. São duas áreas de experimentação nas quais a população está exposta a riscos complexos: Condomínio Barão de Mauá (risco de contaminação química do solo) e o terminal petrolífero de São Sebastião (risco industrial com possíveis efeitos-dominós). O artigo tem como objetivo apresentar o questionamento que surge a partir da experiência no Condomínio Barão de Mauá, local onde o nosso trabalho está mais avançado. A pesquisa, que teve início em setembro de 2014 e com conclusão prevista para setembro de 2016, comporta duas etapas: o diagnóstico participativo e o fórum participativo. Para a realização do *diagnóstico participativo* utilizamos dois métodos inovadores e que se mostraram complementares: as controvérsias para analisar as ações das instituições e dos atores sociais bem como os conflitos entre eles; o método das ambiências de risco que permite restituir a experiência da população. A segunda etapa, iniciada em dezembro de 2015, vai implementar um *fórum do risco* criado para envolver os moradores na gestão do risco. Ele consiste em dois fóruns complementares: um constituído pelos moradores do condomínio e outro pelas várias instituições concernidas. Três desafios emergiram significativamente nesta atual fase da pesquisa. O primeiro desafio refere-se à importância das emoções que impulsionam a mobilização dos moradores e expressam a sua vulnerabilidade em reuniões públicas. Elas serão incorporadas no fórum participativo, experimentando uma cena de risco dedicada à expressão das emoções. A comunicação sobre a incerteza é o segundo desafio, que nos obriga a pensar em uma comunicação que possa apresentar diferentes níveis de incerteza nas políticas de gestão de risco. O terceiro desafio refere-se a como restituir a confiança dos moradores em relação às instituições. Para restaurá-la, vamos experimentar um processo de gestão compartilhada, um monitoramento participativo da contaminação e do dispositivo de remediação no Condomínio Barão de Mauá.

Abstract Our research is based on a Franco-Brazilian interdisciplinary collaboration. It aims to test various qualitative methods to implement a participative risk communication towards the populations of areas at risk of the Metropolitan Region of São Paulo. The knowledge produced by research, will enable the development of an awareness communication and participation protocol that will be implemented by the CETESB (the Environmental Company of the State of São Paulo). There are two areas of experimentation in which the population is exposed to complex risks: Condo Barão de Mauá (risk of chemical contamination of soil) and the oil terminal of San Sebastian (industrial risk with possible domino effects). The article presents the questioning that emerges from experiments on the Barão de Mauá residential complex, the site where our work is the most advanced. Having started in September 2014, with the ending scheduled for September 2016, the research has two steps: the participatory diagnosis and the participatory forum. To realize the participatory diagnosis, we used two innovative and complementary approaches : an approach

by the controversies that updates the positions and logic of the various actors involved in this situation of risks; an approach which describes the ambiances of the condominium as close as possible to the inhabitants lived experience. The second stage, initiated in December 2015, will implement a risk forum set up to involve inhabitants in the management of risk. It consists of two complementary forums, one bringing together the inhabitants of the condominium and the other the different institutions. Three issues emerged clearly at this stage of our research at the end of February 2016. The first issue concerns the importance of feelings that are the cement of mobilizing people and express their vulnerability at public meetings. We will try to incorporate them into the participatory forum experiencing a risk stage devoted to the expression of feelings. Communication on uncertainty is the second challenge. The questioning of the established nature of the risk forces us to think the passage of a communication on the well known and controlled risk, to a more nuanced communication that attempts to present different levels of uncertainty in the risk management. The third issue relates the lost confidence of the people in the institutions. To recover it, we will experiment with a shared management process, participatory monitoring of contamination and remediation on the Barão de Mauá residential complex.

Palavras-chave: **Palavras-chave:** comunicação participativa de risco, restaurar a confiança, comunicando sobre a incerteza, lidar com as emoções, áreas contaminadas

Keywords: Participatory Risk Communication, Restoring Trust, Uncertainty Communication, Cope With Feelings, Areas Contaminated.

1. Introdução

Nos últimos anos, a comunicação de risco evoluiu, passando gradualmente de um modelo pedagógico *top-down* para um modelo dialógico. A presente pesquisa se apresenta no âmbito dessa evolução: ela visa experimentar diferentes métodos qualitativos para expressão pública isar a experiência sensível dos moradores em áreas de risco da Região Metropolitana de São Paulo e implementar uma *comunicação participativa de risco* com as populações expostas. A pesquisa é financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e coordenada pela CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo) agência governamental responsável pela gestão de risco. Trata-se de uma colaboração pluridisciplinar franco-brasileira que associa quatro laboratórios de pesquisa (PACTE e CRESSON, do lado francês, CETESB e Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, do lado brasileiro). O conhecimento produzido pela pesquisa pretende melhorar as políticas de gestão de risco e será traduzido em normas de ação a fim de permitir a elaboração de um protocolo de sensibilização, comunicação e participação que será implementado pela CETESB. Duas áreas de experimentação foram escolhidas, nas quais as populações estão expostas aos riscos complexos: o Condomínio Barão de Mauá (risco de contaminação química do solo e risco de explosão devido a presença de metano) e o terminal petrolífero da cidade de São Sebastião (risco industrial com possíveis efeitos-dominós). Iniciada em setembro de 2014 e com o término da sua primeira parte previsto para setembro de 2016, a pesquisa envolve duas etapas: o diagnóstico participativo e o fórum participativo. Para realizar o diagnóstico participativo utilizamos dois métodos inovadores que se mostraram complementares: a análise de controvérsias que analisa as ações das instituições e dos atores sociais bem como os conflitos entre eles; o método das ambiências de risco que permite restituir a experiência dos habitantes. A articulação desses dois métodos foi objeto de um artigo adicional, *Ambiências e Controvérsias: dois métodos complementares para melhorar a comunicação do risco*, apresentado pelo conjunto da equipe. A segunda etapa, iniciada em dezembro de 2015, vai implementar dois fóruns complementares: um constituído pelos moradores expostos ao risco e o outro pelas diferentes instituições concernidas. Esse fórum composto foi criado para colocar em debate as informações produzidas pelo diagnóstico e associar os moradores na gestão do risco.

O artigo tem como objetivo apresentar o questionamento que surge a partir das experimentações no Condomínio Barão de Mauá, área de estudo onde o nosso trabalho está mais avançado. O Condomínio está localizado na cidade de Mauá, a 30 km da cidade de São Paulo, Brasil, composto por 54 edifícios ocupados por aproximadamente 7.000 pessoas, implementado em 1996 em uma área contaminada por compostos orgânicos e inorgânicos, incluindo metano, benzeno, clorobenzeno, trimetilbenzeno e decano. A consciência da contaminação veio à tona devido a uma explosão, provavelmente causada por metano, que ocorreu em abril de 2000, durante a manutenção de uma bomba em um dos reservatórios de água subterrâneo instalado no condomínio, que matou um trabalhador e queimou gravemente outro. Desde então, um processo judicial está em curso, mas se arrasta, e os moradores do condomínio estão expostos a um duplo risco: de contaminação por agentes cancerígenos e de explosão devido ao metano.

Três desafios surgiram claramente nesta fase da pesquisa. Durante a primeira etapa, diagnóstico, foi apontado o papel das emoções no dispositivo participativo. Nesta segunda etapa, fórum do risco, instalado há três meses, os dois desafios fundamentais referem-se à comunicação da incerteza e o restabelecimento da confiança perdida.

2. O papel das emoções na animação de um dispositivo participativo de gestão do risco (um desafio do diagnóstico participativo)

O diagnóstico participativo realizado no Condomínio Barão de Mauá sublinhou a importância das emoções que emergiram nas entrevistas e durante a sessão pública com moradores realizada em 04 de junho de 2015.

2.1 A expressão pública de uma vulnerabilidade

Um contexto carregado de emoções acompanhou a pesquisa em toda a sua progressão. A oficina de reativação fotográfica, realizada em 04 de junho de 2015, atesta esta constatação. Ela propôs aos moradores comentar sobre um conjunto de fotos do local (26 fotos escolhidas pela equipe de pesquisa) com o intuito de estimular a discussão. A sessão se transformou em uma reunião pública e foi muito difícil obter uma troca com os moradores sobre os corpus fotográfico proposto. Tanto a raiva como a angústia dos habitantes face a sua situação dolorosa e bloqueada foram expressas enfaticamente. Os participantes evocaram o seu sofrimento: o trauma "*daqueles que viram a pessoa queimada, nua, sem cabeça*"; "*o sonho (de viver aqui) que se transforma em um pesadelo*", o terror de viver no condomínio "*com esses monstros que parecem prestes a explodir a qualquer momento*"; a estigmatização da qual eles são objeto "*Somente nós estamos nos tornando vítimas hoje. De sonhadores nós nos tornamos vítimas ... Agora, nós nos tornamos ainda pior. Então, quando as pessoas nos olham: "olha, olha lá: Há um fantasma"*". E quando eles lembram das doenças relacionadas à contaminação, as crianças que podem ter câncer, os vizinhos doentes que se vão, os testes epidemiológicos e essa característica difusa da contaminação. A expressão pública das emoções permitiu aprofundar o conhecimento sobre as vulnerabilidades das populações expostas a partir da perspectiva dos moradores. Os testemunhos recolhidos contribuíram para o conhecimento sobre a história e o grau de contaminação, sobre a poluição, a vulnerabilidade do local do ponto de vista dos moradores.

2.2 As emoções se constituem no estímulo para a mobilização

As emoções são muitas vezes o estímulo para a mobilização. A venda, em 1995, do terreno contaminado que pertencia a uma empresa de amortecedores, com a aprovação do município, para construir o futuro condomínio suscitará, mais tarde, a indignação moral das pessoas diante da falta de respeito das instituições para com elas: "*Mas minha indignação se refere à falta de respeito pelas pessoas, sabe? ... Todo mundo sabia que havia aqui um lixão. A prefeitura deixou fazer. A prefeitura autorizou a construção. A prefeitura deu-lhes o direito. Você sabe? Todo mundo está envolvido*". Esta indignação retrospectiva vem à tona a partir da consciência da contaminação, após a explosão de 20 de abril de 2000, que matou um

trabalhador. Ela promoveu uma rápida mobilização dos moradores. Assim, as emoções nem sempre se opõem ao uso público da razão, a expressão de emoções em público é por vezes ligada a uma avaliação moral. Durante as duas sessões do *workshop* de reativação, as emoções sustentam as críticas em relação às instituições, particularmente a agência responsável pelo controle dos riscos, que desapontou as expectativas desses moradores. A equipe de pesquisa foi questionada e criticada com veemência, porque alguns dos membros da equipe fazem parte dessa agência.

2.3 A necessidade de dispor de uma cena de risco

O diagnóstico participativo mostrou a importância das emoções nas situações de risco, pelo qual vamos integrar essas emoções na segunda etapa da pesquisa. Nos últimos meses, instalamos o fórum dos moradores do Condomínio Barão de Mauá. Acreditamos que esse fórum não pode se limitar à troca de argumentos racionais, mas ele também deve incluir uma *cena de risco* (Decrop e Vidal-Naquet, 1998) que poderia ocorrer separadamente ou poderia haver uma série de sessões específicas do fórum de risco consagradas à expressão das emoções dos moradores. A cena de risco pode contribuir para aliviar a experiência dolorosa e as emoções dos moradores em duas formas complementares: a partilha (socialização) das emoções e uma forma de reconhecimento, pelo outro, para reparar a identidade moral ferida pela falta de respeito (Axel Honneth, 2000).

A oficina de reativação fotográfica, do dia 04 de junho de 2015, proporcionou uma prefiguração do que poderia ser uma cena de risco. Mais do que o fluxo de informação é a circulação das emoções que a caracteriza. Ela favoriza a expressão pública de histórias de vida em uma área contaminada, falas singulares dos moradores carregadas de emoções, esperança e sofrimento. Esta circulação de emoções (re)amarra a ligação dos moradores com o "seu" território de risco. Ela associa a vulnerabilidade dos moradores e seus ambientes de vida. A cena de risco testemunha o fato que um território de risco, um local contaminado, afetado, poluído, continua a ser um ambiente de vida e, considera-lo como tal permite uma reapropriação do local pelos seus habitantes e uma apropriação coletiva.

3. Como comunicar a incerteza? (um desafio do fórum interinstitucional)

A restituição do diagnóstico participativo foi objeto de várias reuniões com as instituições e com os moradores do condomínio. As discussões que se seguiram à restituição permitiram o estabelecimento de dois fóruns complementares, um composto pelos moradores e o outro composto pelas instituições concernidas (empresas, governo, prefeitura de Mauá, ministério público, entre outros). Esse dispositivo funciona há três meses e podemos fazer um primeiro balanço dos problemas e desafios que foram revelados. Este capítulo será dedicado ao fórum interinstitucional e em seguida, no próximo capítulo, trataremos do fórum dos moradores

Nas primeiras sessões do Fórum Interinstitucional ficou evidente para as instituições a procedência das verificações constatadas no diagnóstico que incidiu sobre as perspectivas e ações muito fechadas e setoriais de cada uma delas. Cada uma oferece sua própria solução de acordo com a sua visão do problema, porém, sem diálogo com as outras. Por exemplo, para os nossos interlocutores do Ministério Público (administração da justiça), somente uma decisão final da justiça poderá acabar com o conflito que alimenta a raiva da população. Para os nossos interlocutores da administração da Saúde, o uso da metodologia epidemiológica de origem americana ATSDR (Agency for Toxic Substances and Disease Registry) pode contribuir para resolver o problema da exposição da população por benzeno. Para o departamento das áreas contaminadas da agência responsável pelo controle dos riscos, a solução é um bom plano de comunicação de risco para uma nova conexão com os moradores. Se cada instituição defende uma posição diferente, é porque cada uma delas define a sua ação na sua própria esfera de atividade e porque cada uma define as suas prioridades de acordo com as imperfeições de sua própria ação. Como cada uma age sobre uma parte da realidade, cada uma tem uma parte da verdade e propõe uma parte da

solução. As instituições devem então dialogar para "adicionar" essas visões parciais e este é um dos objetivos do fórum Interinstitucional.

No clima de confiança que começa a se desenvolver no seio desse fórum, nossos interlocutores puderam expressar seus receios e dúvidas. Assim, as incertezas apontadas na análise das controvérsias são confirmadas. Em particular, as relativas à eficácia do plano de remediação implementado pela empresa contratada, desde 2014, para descontaminar o local por meio da extração de metano e outros gases no subsolo. Essa remediação é controversa porque existe uma incerteza sobre a eficácia da remediação, em particular o bloqueio dos poluentes com a injeção de cimento; a incerteza quanto ao prazo da remediação (10 anos ou mais) e, finalmente, a incerteza sobre a capacidade das empresas para financiar a remediação durante um longo período.

Apesar dessas incertezas, a agência responsável pelo controle dos riscos e a justiça concordaram em sustentar a proposta de remediação feita pela empresa responsável por meio da empresa contratada. A agência responsável pelo controle dos riscos também defende a retirada e o reassentamento dos moradores mais vulneráveis. Essas decisões aparentemente contraditórias nos colocam no centro de uma questão fundamental para a comunicação de risco, a incerteza. A incerteza significa que o conhecimento disponível não é suficiente para caracterizar uma situação tão precisamente quanto gostaríamos, mas ela não é sinônimo de ignorância. Riscos e incertezas estão ligados de várias maneiras.

3.1 O risco: a probabilidade de ocorrência de um perigo

No sentido clássico do risco: o perigo existe, que é a situação susceptível de causar danos (explosão causada por metano ou exposição ao benzeno cancerígeno), mas o risco, ele não existe, é uma abstração, a medição do perigo. No exemplo do condomínio, o risco é a caracterização do perigo pela combinação:

- * da probabilidade de uma ocorrência acidental (explosão causada por metano contido no subsolo)
- * da duração, o nível e as rotas de exposição a uma substância perigosa (o benzeno e seus derivados, que são cancerígenos)
- * da gravidade dos danos consequentes.

Em outras palavras, o metano e o benzeno estão lá, o perigo espreita no condomínio, mas os moradores ignoram quando vai ocorrer exatamente, só conhecemos a sua probabilidade de ocorrência. Esta incerteza consubstancial ao risco satisfaz os especialistas mas ela pesa sobre a vida dos moradores. "O que pode significar o fato de estar ameaçado por uma probabilidade, uma porcentagem da realidade?" A comunicação de risco deve se concentrar muito mais na explicação dessa noção tão complexa de risco, e na distinção entre risco e perigo, para ser capaz de relacionar o risco objetivo dos especialistas e o risco subjetivo dos moradores.

3.2 O questionamento da característica comprovada do risco

Um segundo nível de incerteza se refere ao questionamento da natureza comprovada do risco no condomínio. Até agora, consideramos o risco de contaminação como um risco comprovado. Um risco conhecido, onde a ligação de causa e efeito estão estabelecidos, validados pela comunidade científica e pelos especialistas. Um risco para o qual existe uma probabilidade de acontecer a catástrofe ou o acidente. Mas este é o caso? Em primeiro lugar, este risco é complexo, ele combina um risco associado a um acidente, a explosão de metano, e um risco muito diferente, relacionado com a exposição a substâncias cancerígenas. Como fazer dialogar os dois conhecimentos concernidos, a avaliação de risco e o estudo epidemiológico? Em seguida, a contaminação concerne 52 compostos orgânicos e inorgânicos. Nada se sabe sobre a forma como esses contaminantes circulam e se recombina no subsolo. Estas incertezas fragilizam a possibilidade de um cálculo objetivo do risco e necessitam, talvez, de novas observações, uma revisão do conhecimento, a realização de um novo consenso sobre a ocorrência e sua gestão.

3.3 Uma decisão em situação de incerteza

Um terceiro nível de incerteza concerne à ação pública. A natureza controversa do processo de remediação requalifica claramente o processo de decisão como estando "sob incerteza" e não "em pleno conhecimento de causas (e consequências)". A proposta de remediação foi sustentada pela agência responsável pelo controle dos riscos e pela Justiça, apesar de suas incertezas. Essa decisão em situação de incerteza pode ser enriquecido pelas interações com os atores concernidos, pelas suas consequências ou pelos detentores de informações relevantes.

A incerteza é uma questão fundamental para a comunicação de risco. Ela nos obriga a pensar na passagem de uma comunicação de risco comprovada e controlada, à uma comunicação mais sutil que tenta apresentar diferentes níveis de incerteza nas políticas de gestão de risco. Assim, a agência responsável pelo controle dos riscos e a justiça poderiam explicar porque, apesar de suas incertezas, tomou a decisão de apoiar a proposta de remediação da empresa contratada. A resposta às questões dos moradores podem se apoiar nesta nova gestão de incerteza na comunicação.

4. Como restaurar a confiança perdida? (um desafio do fórum dos moradores)

4.1 A questão da confiança no fórum dos moradores

Nas reuniões do fórum dos moradores, em 3 de dezembro de 2015 e 21 de fevereiro de 2016, a questão do risco pareceu menos importante do que a questão da confiança nas instituições, incluindo a agência responsável pelo controle dos riscos. Para nossa surpresa, os moradores não formularam propostas para melhorar as condições de vida do Condomínio Barão de Mauá, mas a maioria deles expressaram uma demanda forte por uma reunião com os responsáveis que aprovaram o projeto de remediação da empresa contratada, a fim de que eles apresentem em detalhe o projeto e a avaliação realizada. Foi uma espécie de preliminar para julgar a nossa boa intenção. Eles insistem que os interlocutores da agência responsável pelo controle dos riscos tenham uma linguagem de verdade sobre a contaminação e sobre a remediação que justifique a sua aprovação. Os moradores destacam que a remediação e as propostas que o constituem não foram colocadas para discussão e aprovação dos habitantes concernidos antes da decisão de implementá-las.

Podemos inferir, que os diferentes pontos apresentados pelos moradores como qualidade do controle, informação sobre o controle, participação nas decisões, linguagem da verdade, o teste prévio, todos relacionados com a questão da confiança, tem como objetivo restaurar a confiança perdida.

4.2 Os três dispositivos criadores de confiança

Seguindo François Eymard-Duverney (2000), consideramos a confiança como uma forma de julgamento que se baseia em dispositivos: conjunto de instrumentos técnicos articulados aos papéis sociais que constituem os programas de ação. Fazer confiança é se abster de julgar porque confiamos nos dispositivos, delegamos o julgamento aos dispositivos. Vamos nos concentrar nos dispositivos que favorecem o estabelecimento da confiança. Propomos três desses dispositivos, três ideais-tipos que poderiam se combinar nas situações concretas e cuja existência deve ser clarificada e confirmada por novas pesquisas.

* A rastreabilidade: o agente delega seu julgamento aos dispositivos coletivos com o alto componente técnico (dispositivos de rastreamento testados na indústria). Neste caso, é a eficácia dos controles que geram confiança;

* A transparência: o agente delega seu julgamento aos procedimentos (legais, eleitorais, participativos) que garantem o caráter democrático da ação pública;

* A proximidade: o agente delega seu julgamento às pessoas dignas de confiança. As conexões pessoais duráveis, a ancoragem das relações nas tradições e nas localidades, a consideração da reputação geram essa confiança.

Nas exigências expressas pelos moradores durante as primeiras reuniões do Fórum, encontramos pelo menos dois dos três dispositivos de confiança: a transparência e a rastreabilidade. Assim, a informação completa e verdadeira das instituições responsáveis pela descontaminação e a participação dos moradores gerariam a confiança, bem como a eficiência da avaliação e o controle técnico em relação à contaminação e a remediação. O terceiro dispositivo, a proximidade, ou seja, a gestão local dos problemas de contaminação não foi objeto de uma reivindicação específica, pelo menos nas duas reuniões do fórum dos habitantes, mas está presente no funcionamento do fórum que se desenrola dentro do condomínio animada pela equipe de pesquisa.

4.3 A gestão partilhada para restaurar a confiança perdida

Assim, a produção da confiança não é apenas uma questão técnica, ela necessita, segundo essa experiência, de uma política que combine os três dispositivos: uma rede de controle (o monitoramento da contaminação e do projeto de descontaminação), um público (a representação participativa dos moradores em situação de risco) e um "território" (a gestão local dos problemas).

Em breve será feita uma proposta à agência responsável pelo controle dos riscos, a fim de que ela possa experimentar um dispositivo voltado para o monitoramento participativo do controle da contaminação, bem como do processo de remediação no Condomínio Barão de Mauá. Representantes dos moradores seriam associados, e eles teriam reuniões regulares com a empresa contratada e a agência que, por sua vez, apresentariam o monitoramento da contaminação e a atualização dos trabalhos de remediação. Nesses encontros, os moradores poderiam fazer perguntas, solicitar informações e formular propostas.

Por exemplo, tais dispositivos, como os comitês de acompanhamento do *site* (CSS), foram adotados na França. Eles contribuem para criar um clima de confiança com os moradores das áreas industriais, mas trata-se muito mais de informação dada à população pela empresa e pelo governo do que uma verdadeira gestão partilhada. A experimentação do dispositivo em Barão de Mauá vai permitir, sem dúvida, definir melhor as condições de possibilidade de uma gestão partilhada.

5. Conclusões

Os três desafios que analisamos referem-se a três níveis de comunicação de risco que a nossa pesquisa permitiu distinguir. Esses desafios são a parte problemática, o "ponto cego".

Informação: o risco é o risco objetivo. Definição: informar a população sobre a existência do risco e as práticas de prevenção (ou informar a população sobre situação de emergência). Objetivo: reduzir o risco objetivo. O campo de intervenção: é o campo abrangido pela grande parte dos atuais gestores de risco. O ponto problemático: como comunicar a *incerteza* que está no coração do risco?

Comunicação *stricto sensu*: o risco é o risco percebido. Definição: comunicar para levar em consideração a percepção do risco da população. Objetivo: reduzir o risco subjetivo, ou seja, diminuir as emoções do público (a indignação, a raiva, etc.) e evitar mobilizações. O campo de intervenção: intervir sobre a percepção de risco e, portanto, sobre as condições que influenciam a percepção de risco e estar atento às preocupações do público. O ponto problemático: como dar espaço às *emoções* na comunicação de risco?

Participação: o risco é o resultado de danos para o meio ambiente. Definição: sensibilizar os moradores em relação aos danos ao seu ambiente (educação ambiental) definir e implementar, com eles, ações para melhorar seu ambiente de vida. Objetivo: reconciliar os moradores com o seu ambiente; agir sobre o ambiente antrópico para melhorar o ambiente biofísico. O campo de intervenção: educação ambiental e

cultura de risco como uma alavanca para melhorar as condições de vida dos moradores. O ponto problemático: como (re)estabelecer a *confiança* necessária para o bom funcionamento da participação?

Nesta fase atual da presente pesquisa, acreditamos que uma real comunicação participativa de risco deve articular os três níveis de comunicação (informação, comunicação e participação) e sua implementação passa pelo tratamento dos três pontos problemáticos expostos acima: a comunicação da incerteza, o lugar das emoções e o (re)estabelecimento da confiança. Apenas a continuidade da experimentação de campo nos ajudará a precisar estas três pistas de investigação que são ainda abstratas.

Referências Bibliográficas

- Eymard-Duvernay F. (2000). La confiance, une approche comparative de régimes d'action », em Laufer R. e Orillard M. (Eds), *La confiance en question*, L'Harmattan, coll. Logiques sociales, France, 245-263
- Decrop G. e Vidal-Naquet P. A. (1998). Les scènes locales de risques, contribuição para o seminário do CNRS *Risques collectifs, situations de crise, complexité et responsabilité* Gilbert C. (Ed), sessão do 19 de mars de 1998, École Nationale Supérieure des Mines de Paris, France.
- Honneth A. (2000). *La Lutte pour la reconnaissance*, Cerf, 2000 (tradução francesa da edição alemã do 1992).